

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE NATALIE STOPARO

ARTE E CORPOREIDADE NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

CURITIBA

2015

CAROLINE NATALIE STROPARO

ARTE E CORPOREIDADE NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Monografia apresentada para conclusão do curso de especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, da UFPR, como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Profº. Drº. Gelson João Tesser

CURITIBA

2015

RESUMO

Este trabalho, a partir de estudos da filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), que tanto contribuiu para o pensamento moderno, busca refletir sobre uma verdadeira educação defendida por este em prol da formação de indivíduos livres. Como problema, temos o sofrimento e impotência do homem frente à gratuitidade da existência. Na tentativa de encontrar caminhos para dialogar sobre isto em relação à educação e liberdade, discorreremos sobre o conceito de cultura para, também, questionar os valores que regem a lógica da atual sociedade globalizada. Esse estudo parte do corpo como referência para a construção do conhecimento, que, dentro de uma concepção que rompe com a metafísica, oferece a arte como possibilidade de cura do pessimismo decorrente do niilismo, bem como a superação do homem tal qual Nietzsche a concebia.

Palavras-chave: Corporeidade. Niilismo. Vontade. Arte.

ABSTRACT

This work, based on the studies of Friedrich Nietzsche (1844-1900), who much contributed to the modern thought, intend to ponder on the true education defended by himself to promote free individuals. As a problem, there is the suffering and the impotence of men due to the lack of meaning of existence. Trying to find ways to establish a dialog about this issue in relation to education and freedom, it will discussed the concept of culture and question values that rule the globalized society's way of thinking. This study takes reference on the body to the construction of knowledge in a way that breaks with metaphysics, offers art as a possibility of cure for pessimism due to nihilism as much as the overcoming of men as Nietzsche conceived in his ideas.

Key words: Corporeity. Nihilism. Will. Art.

*Os que descobrem significados
maravilhosos em coisas
maravilhosas são os ilustrados. Para
estes, há esperança. (Oscar Wilde)*

LISTA DE ABREVIATURAS DAS OBRAS DE NIETZSCHE

A – Aurora

AFZ – Assim falava Zaratustra

CI – Crepúsculo dos Ídolos

EE – Escritos sobre Educação

EH – Ecce Homo

GC – A gaia ciência

GM – Genealogia da Moral

HDH – Humano, demasiado humano

NT – O Nascimento da Tragédia

VP – Vontade de Potência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. DE CORPO E NIETZSCHE.....	12
2. O VALOR DA ARTE NA MODERNIDADE.....	22
3. ARTE E <i>VONTADE DE PODER</i>.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Quando falamos em filosofia, talvez, rapidamente possamos concluir que esta se faz na busca pela verdade. Também, temos conosco que o conhecimento detém o poder. Mas que verdade, conhecimento, poder? O contexto em que vivemos e os valores que nutrimos são fatores que se alimentam simultaneamente. Trata-se de uma tradição, “uma autoridade superior à qual se obedece, não porque ordene o útil, mas porque ordena”¹. Segundo Nietzsche, essa “autoridade superior” é a mesma responsável pelas leis morais cuja submissão “pode ser provocada pelo instinto de escravidão ou pela vaidade, pelo egoísmo ou pela resignação, pelo fanatismo ou pela irreflexão”². Ele desafia que nos lancemos a imaginar um filósofo sendo vendido num mercado de escravos e, a partir disso, refletir para qual fim os homens podem querer tal objetivo filosófico³ que se estrutura de modo dogmático, instituindo-se como uma crença de valor metafísico⁴. Essa estruturação teria levado, segundo ele, a uma pobre reflexão sobre bem e mal, onde “perante qualquer autoridade, não é permitido imparcialidade, não é permitido reflexão, muito menos expressar-se, deve-se apenas obedecer”⁵. Vê-se, assim, a verdade exaltada como um valor moral - a grande Circe dos filósofos⁶.

Enquanto isso, os homens sofrem, num mundo que eles foram educados a suportar e obedecer. Os fatores que agredem a vida desprezando o corpo são os mesmos que mantêm a vida anestesiada, fácil, segura: “religião, civilização e moral”⁷. Mas, longe e anterior a esses acomodamentos humanos baseados em “verdades incontestáveis”, o homem é primeiramente animal, livre até que tais grilhões fossem inventados para reprimir a espontaneidade de sua vontade e vida. É com esse olhar que Nietzsche vê o homem, e por isso afirma: “o homem livre é imoral, porque em

¹ NIETZSCHE, Aurora, 2007, p. 23.

² NIETZSCHE, Aurora, 2007, p.23.

³ NIETZSCHE, O Livro do Filósofo, 2007, p. 99. No aforismo 186, o filósofo supõe Platão prisioneiro num mercado de escravos para questionar o valor da “verdade”.

⁴ STEGMAIER, 2013, p 35.

⁵ NIETZSCHE, Aurora, 2007, p. 14.

⁶ NIETZSCHE, Aurora, 2007, p. 14. No prefácio 3, o autor iguala a moral à feiticeira Circe devido ao seu poder de sedução sobre os homens, e aqui mais especificamente ao anseio do filósofo.

⁷ ONFRAY, 2014, p. 51-2. O autor expõe religião, civilização e moral como nutrientes do desprezo pelo o corpo e recusa pela vida.

todas as coisas quer depender de si mesmo e não de uma tradição estabelecida”⁸. Ele se julgava à frente de seu tempo e acreditava que os homens deveriam ser educados de modo extemporâneo. Deixou escritos que ao serem lidos hoje poderiam facilmente ser confundidos com os de filósofos contemporâneos, não fosse seu grande estilo de linguagem, pois, além de filósofo, fora também filólogo. Esse trabalho, que nasce de um fascínio por sua filosofia, se deixa guiar por dois pontos “chaves” - a arte e a corporeidade- ambas espiando a mesma questão, a liberdade. Pensa-se muito sobre ela, mas nunca conseguimos finalizar o assunto. E existe fim? O homem precisa de algo que lhe libere? Se se faz necessário a existência de leis que assegurem ser livre, essas leis ao mesmo tempo regulam e condicionam. Com isto, como poderia o homem sentir-se em liberdade?

Veremos que, para Nietzsche, o que importa não é “a liberdade”, mas o motivo para esta, o qual chamaremos “vontade” e, se tratando de algo certamente visceral, dedicaremos o primeiro capítulo a demonstrar a importância que o filósofo estudado denota ao corpo⁹, bem como apresentar algumas de suas concepções e críticas importantes através da consulta de suas obras e de alguns dos seus estudiosos. No capítulo seguinte, na modernidade em que “Deus morreu”¹⁰, lidaremos com as circunstâncias de que os valores “supremos” se desvalorizaram, os que ganharam poder e exercem domínio não estão comprometidos com a elevação dos homens, estes, fadados a serem livres e responsáveis absolutos por si mesmos, podem vir a se deparar com um grande sofrimento em virtude da falta de referência e significado para a existência.

Antigamente, a educação estava para o conceito de formação do homem perfeito¹¹, hoje, temos uma educação voltada a atender as ordens mercadológicas. A verdadeira cultura, aquela capaz de formar o homem para a vida, é profunda e rara, pois hoje se faz presente uma grande indústria cultural operando sob a ordem econômica. Para falarmos sobre esse contexto, observaremos alguns aspectos da vida moderna através do pensador Zygmunt Bauman e seu conceito de *modernidade*

⁸ NIETZSCHE, Aurora, 2007, p.23.

⁹ Utilizamos o termo Corporeidade, e salientamos “na filosofia de Nietzsche”, muito embora o filósofo estudado não faça uso de tal termo, e que escolhemos por melhor expressar, dentro do ponto de vista adotado, a ideia de ser enquanto algo físico, antimetafísico.

¹⁰ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 13.

¹¹ ABBAGNANO, 2007, p. 225.

líquida, (apresentaremos sempre em itálico os termos que dizem respeito a concepções dos autores consultados). Veremos que a sociedade de hoje pode ser interpretada como doente por ter parado de se questionar e se compreender enquanto corpo social. Neste “corpo enfermo”, que descreveremos como niilista, iremos diagnosticar a *doença histórica* - a qual Nietzsche constatara no homem - por esse viés refletiremos a respeito do valor da arte e da cultura autêntica tão defendida por ele. Será através da sabedoria trágica dos gregos que traremos algumas reflexões à cerca do sofrimento humano e da arte enquanto ilusão necessária para superação e motivo de existência para o homem, tomando a antiguidade clássica como referência de cultura superior.

Pois, se eliminamos os Gregos e, ao mesmo tempo, sua filosofia e sua arte: com que escala pretendem vocês ainda elevar-se à cultura? Pois, se alguém tentasse elevar-se sem a ajuda de uma escala, sua erudição – é preciso que vocês entendam isso – seria mais um peso torturando seus ombros do que uma asa que lhe permitiria elevar-se. (NIETZSCHE, ED, 2012, p. 151).

A concepção da *Vontade de poder* em Nietzsche, como a própria força criativa do homem, é algo que avaliaremos como a própria força do artista, enquanto possibilidade de superação do pessimismo gerado pelo niilismo, em sua constatação da gratuidade da existência. E mesmo que o homem encontre grandes dificuldades para alcançar suas realizações, ainda será possível a manifestação da *vontade* através da arte. Na figura de *Zarathustra*, ilustre personagem dessa filosofia trágica, teremos o mestre da doutrina de superação do homem. Veremos que, a todo momento, em verdade, é sobre educação no sentido de formação para a vida que estamos dispostos a tratar.

1. DE CORPO E NIETZSCHE

A crítica de Nietzsche à metafísica é também ao idealismo, onde o homem toma como referência para si algo inalcançável. Para o filósofo, o ideal deveria ser baseado em um saber real, de valor corporal, de modo que a “verdade” em questão não está para uma moralmente formulada, mas àquela inerente às perspectivas individuais e que não diz respeito a uma realidade estável. Talvez, se pudéssemos perguntar-lhe o que é a verdade (?), Nietzsche devolvesse a pergunta: “o que lhe é irrefutavelmente necessário”? E esta resposta, a dar-se a si mesmo, estaria sob o risco de ser atualizada constantemente pelo movimento vibrante e caótico da vida. Isto se dá pela concepção de verdade enquanto ato, o que implica ser simultaneamente consciente e corporal¹².

A sentença de Nietzsche é que não somos livres, mas ele também não suprime o porvir. Liberar-se implica em aceitar os próprios desejos e necessidades, portanto, assumir seu “ato de verdade”, o que exigiria um processo de liberação, ao qual Onfray (2014) sintetiza: “Tornar-se aquilo que se é, querer o desejo que nos quer, compreender que só existe liberdade na necessidade, que só há escolha possível na aceitação da evidência”¹³. Necessário é aquilo que “não pode não ser”¹⁴, portanto, “inevitável”. A estrutura proposta se constrói a partir da ação do homem, deixando espaço ao movimento se efetuar de acordo com o tempo, com os “momentos da verdade”¹⁵, podendo se estabelecer de diferentes modos, sendo que “tem de ter uma nova determinação a partir da superação histórica de sua fixação metafísica”¹⁶.

A necessidade de afastamento do “mundo metafísico” é a que Nietzsche identificou para que o homem se situasse em seu lugar no mundo físico, na corporeidade, de forma a poder, a partir de então, conceber ideias novas e possíveis – e não ideais- de serem experimentadas, portanto, vividas. Stegmaier (2013) aborda uma questão muito peculiar ao mencionar a questão da “superação histórica”, que é

¹² STEGMAIER, 2013, p. 56. O autor utiliza

¹³ ONFRAY, 2014, p. 101.

¹⁴ ABBAGNANO, 2007, p. 703.

¹⁵ STEGMAIER, 2013, p. 37. A estrutura da verdade estando para a ação, é uma estrutura flexível e aberta a ser determinada a cada *momento de verdade*.

¹⁶ STEGMAIER, 2013, p.41.

o problema de relacionamento do homem com o tempo, o qual Nietzsche interpreta e nomeia como *doença histórica*, no qual o niilismo pode ser visto como um sintoma enquanto estado intermediário patológico¹⁷, manifestado em uma civilização em consequência de sua obsessão de conhecimento sobre o passado, que teria levado a um sentimento de impotência do homem frente a temporalidade e historicidade, colocando grande parte da cultura sob um aspecto de mera “história da cultura” e implicando-se num esvaziamento criativo¹⁸.

Controverso aos sistemas impostos, Nietzsche não confraterniza com nada que dite limites aos homens. Autonomia e moral são forças que se anulam, a segurança social, segundo ele, foi instituída por base da “camisa de força social”¹⁹, pois, com a domesticação, o homem foi transformado num animal confiável, administrável. O nascimento da responsabilidade em manter-se subordinado contém os caracteres de tornar este animal capaz de fazer promessas, de torná-lo necessário até um certo limite, torná-lo constante, previsível, um verdadeiro *animal de rebanho*²⁰, igual entre iguais²¹. O homem moral é aquele que cumpre e cria situações para que a lei seja cumprida numa obediência supersticiosa à uma inteligência superior que ordena – a tradição, a qual não se questiona. Assim, a vitória do homem sobre si é o mecanismo de autocontrole de seus impulsos, não para que, com isso, obtenha um bem pessoal, mas, para que esse poder superior e inquestionável permaneça em domínio. Na visão de Nietzsche, é com isso que cumpre os moralistas - ensinar o autodomínio como chave para a felicidade²²- o que para ele é um contrassenso:

Que vergonha! Vocês querem entrar num sistema em que é necessário ser engrenagem, plena e totalmente, sob pena de ser esmagado por essa engrenagem! Disso decorre evidentemente que cada um é o que seus superiores fazem dele! (NIETZSCHE, A, 2007, p. 124).

Em vista do caráter vicioso pelo qual a moral doma o homem e anestesia seu corpo, enfraquecendo sua vontade, esmagando-o enquanto ser autônomo e convertendo-o em mera engrenagem, a perspectiva nietzschiana nos propõe um novo

¹⁷ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 33.

¹⁸ VATTIMO, 2010, p. 13-4.

¹⁹ NIETZSCHE, Genealogia da Moral, 2013, p. 44.

²⁰ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p.163. O termo animal de rebanho, é largamente utilizada pelo autor em suas obras. Refere-se aos indivíduos subservientes que não arriscam guiar-se a si mesmos, por isso precisam do grupo – o rebanho – e de um pastor que os conduza.

²¹ NIETZSCHE, Genealogia da Moral, 2013, p. 44.

²² NIETZSCHE, Aurora, 2007, p.24.

fundamento ético: que, a cada dilema, escolhamos aquilo o que desejaríamos ver se repetir sem cessar, sendo o princípio prático da moral “querer, na escolha, a reprodução indefinida”²³. Eis a lei do *Eterno Retorno*, que se caracteriza pela repetição da essência dos fenômenos, mas não dos acessórios e detalhes pelas quais elas se manifestam enquanto acontecimento, pois o pensamento deve sempre ser reavaliado. E, como ser livre implica em aceitar aquilo que nos quer, como explica Onfray (2014), isso implica num exercício de sincronizar a vontade de si com a realidade/vontade do mundo. Por compreender esta lei de eterna fluência, é que *Zaratustra* dirá “Eu não poderia crer num Deus, se ele não soubesse dançar”²⁴.

Estamos falando de uma filosofia que se utiliza do paradoxo, “uma forma de contradição lógica, por meio da qual pode-se gerar um irritante duplo sentido”²⁵, foi este um meio que o filósofo encontrara para não decretar verdades absolutas. Por esse viés temos uma máxima para sua *crítica do conhecimento*, que, não havendo uma verdade suprema, não há conhecimento estático, propondo com isso um questionamento a todos os sistemas filosóficos criados até então. Em defesa do método original de Nietzsche está seu licenciamento em mudar de opinião – qualidade que ele considera imprescindível²⁶. Sendo assim, podemos dizer que ele não se contradiz, mas reavalia suas ideias e as aperfeiçoa durante a produção de suas obras, provando sua flexibilidade de pensamento. Trata-se de pensar o passado em tempo presente, aquilo que, hoje, pode ser compreendido como futuro. Essa comunhão de temporalidade é um traço de sua filosofia, e também uma característica da sabedoria trágica²⁷, dando ao “agora” (instante) de *Zaratustra*, a condição de eternidade²⁸.

Nietzsche afirma: “Somente os pensamentos que ocorrem ao caminhar têm valor”²⁹, de modo a afirmar a experiência como fenômeno indispensável ao conhecimento, sendo que, sua própria obra se constrói pela experimentação, que é

²³ ONFRAY, 2014, p.99.

²⁴ NIETZSCHE, Assim Falava Zaratustra, 2011, p. 47.

²⁵ STEGMAIER, 2013, p. 179.

²⁶ NIETZSCHE, Aurora, 2007, p. 270. O aforismo 573 compara a capacidade de mudar de opinião com a necessidade de mudar de pele da serpente, que se não mudar de pele, morre.

²⁷ ONFRAY, 2014, p 87.

²⁸ VATTIMO, Diálogo com Nietzsche, 2010, p. 44.

²⁹ NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, 2008, p.23. O aforismo 34 na íntegra: “Só se pode pensar e escrever sentado (G. Flaubert). – Com isso te apanho niilista! Permanecer sentado é precisamente o pecado contra o Espírito Santo. Somente os pensamentos que ocorrem ao caminhar têm valor”.

refletida e exposta de modo paradoxal, numa atitude pragmática entre pensamento e vida, ainda que sua filosofia não seja autobiográfica³⁰. *Experimento* tem aqui um sentido ímpar, estando para a “clara alusão de que o pensar é acionado como elemento de relação de forças que implica pulsões internas do homem na busca da autossuperação”³¹, sua concepção é diversa a outros, não tendo qualquer pretensão científica, mas implicação de qualidade existencial, orgânica, corporal. Portanto, “testar” é “*A vida como meio de conhecimento*”³², e, se a verdade só pode ser perspectiva de cada um, o conhecimento assim o é.

O perspectivismo é só uma forma complexa de especificidade. – Meu modo de ver é que cada corpo específico anseia por tornar-se senhor de todo espaço, por estender sua força (- sua vontade de poder:) e repelir tudo que obsta à sua expansão. (NIETZSCHE, VP, 2011, p. 326).

Nietzsche, ao formalizar a “morte de Deus”, está formalizando seu rompimento com a metafísica. Não se contentando com o vazio gerado por essa morte, ele convida o homem a ocupar o lugar de Deus. Então, enquanto há um Cristo para dividir a linha cronológica da história ocidental, há um Nietzsche para situar a filosofia entre antes e depois de si; segundo Onfray (2014), nada mais é igual após os abalos provocados por ele, que marca o término do reinante otimismo e antropocentrismo, para coroar a sabedoria trágica que tem na *Vontade de poder*, seu norte supremo³³. O homem, então, deve tornar-se inventor de si mesmo. E, com a verdade individual também se assume mundos individuais, pois, se não temos como acessar “a verdade”, só nos resta interpretações, a busca por algo eternamente em processo, de modo que:

“[...] a teoria do conhecimento de Nietzsche é dinâmica, viva, não concebendo ‘formas’ dadas, mas, ainda assim, respeita ao menos dois princípios: vontade de potência e verdade, sendo que a primeira, ligada a segunda, refere-se a uma contínua força interna e externa da natureza, presente em todos os seres”. (MENDONÇA, 2009, p. 69).

Essa teoria se faz justamente a partir da crítica das teorias existentes até então. Enquanto a ciência se esforça pelo domínio do conhecimento, Nietzsche recusará esse esforço dirigido, reconhecendo a linguagem da natureza, constata que

³⁰ NIETZSCHE, *Ecce homo*, 2013, p. 50: “Uma coisa sou eu, outra são meus escritos”.

³¹ MENDONÇA, 2009, p. 43.

³² NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, 2012, p.191.

³³ ONFRAY, 2014, p. 51. O autor apresenta Nietzsche como finalizador de um período e abertura de um novo.

“temos necessidade da arte e só precisamos de uma parte do saber”³⁴, afirmando-a como a única que, a partir de então, cumpre sua tarefa³⁵ pela qual temos um caminho de “retorno à vida”, de reconciliação com a natureza. Enfrenta-se aí um problema novo, o da ciência como questionável e desprovida do trono referente ao absolutismo da verdade, o que oferece uma tarefa igualmente nova ao filósofo, o de considerá-la sob a ótica do artista, e essa, sob a ótica da vida³⁶. Tal empreitada levaria a uma nova hierarquia de valores, uma nova espécie de moral.

Apesar de fundamentar-se no perspectivismo, prezando pela individualidade, o homem não é mais entendido como o centro de tudo, como dizia a concepção antropocêntrica. Esse rompimento se dá por sua própria teoria, nietzschiana de primeira ordem, a do Amor *Fati*, referente a uma vontade superior de ataraxia, onde o homem é uma parcela de *fatum*³⁷:

Nós inventamos a ideia de “fim”: na realidade não existe “fim”... Somos necessários, somos um pedaço de destino, fazemos parte do todo, estamos no todo – não há nada que possa julgar, medir, comparar, condenar nossa existência, pois isso seria julgar, medir, comparar e condenar o todo... (NIETZSCHE, CI, 2008, p. 57).

O que revolta no sofrimento não é a dor, mas a ausência de sentido³⁸. Foi esse desprovemento, segundo ele, que obrigou o homem a criar deuses e outros ocultismos – (a necessidade da religião) - afim de justificar a vida, justificar seu “mal”, mas isso não deu cabo do sofrer. Considerando isso, nos propõe novos inventos a partir da vida enquanto problema e conhecimento, onde esse se faz pela experiência do viver, dando crédito ao que nos informa nossos órgãos dos sentidos e ao ato de conhecer um significado diretamente corporal. Por isso, aos que desprezam o corpo, afirmando que a experiência sensitiva nos seduz ao engano, Nietzsche lhes dá sua opinião: “não devem mudar de preceito, nem de doutrina, mas simplesmente, desfazerem-se do corpo, o que lhes tornará mudos”³⁹, pois negá-lo é negar nossa forma de expressão e referência de existência, isto é, aquilo que somos.

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. [...] Detrás de teus pensamentos

³⁴ NIETZSCHE, O livro do filósofo, 2007, p. 27.

³⁵ NIETZSCHE, O livro do filósofo, 2007, p.21.

³⁶ NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, 2011, p. 15.

³⁷ ONFRAY, 2014, p.54.

³⁸ NIETZSCHE, Genealogia da moral, 2013, p. 53.

³⁹ NIETZSCHE, Assim Falava Zaratustra, 2011, p. 39.

e sentimentos, meu irmão, há um amo mais poderoso, um guia desconhecido, que se chama 'o próprio Ser'. Habita em teu corpo; é teu corpo. (NIETZSCHE, AFZ, 2011, p. 39).

O olhar panorâmico de uma águia: Nietzsche ressalva que o desespero pelo saber a qualquer preço produz uma ciência cega, eis sua crítica aos sistemas filosóficos até então. Diante disso, escolhe como modelo de conhecimento o que reconhece como “sabedoria trágica”. Trata-se de negar o filósofo da ciência e buscar pelo filósofo da vida, aquele capaz de suportar e superar o sofrimento causado pela existência. Em suma, podemos notar que, por trás de qualquer de suas críticas, uma está sempre implícita à da imobilidade, que significa a resistência criar e aceitar o novo, por conseguinte, uma crítica a valores que ele considera degenerados. Defende que as ciências devem preparar o caminho para a nova tarefa do filósofo, o problema do valor e de sua hierarquia⁴⁰, com isso, a tradição não deverá deter o nascimento do novo.

Em Aristóteles, temos que a imutabilidade da essência, apreendida enquanto ‘forma’ não pelos sentidos, mas pelo pensamento que o faz ainda que, na constante metamorfose da matéria. Por isso, apenas o pensar poderia apreendê-la. Por trás deste conceito dos conceitos de Aristóteles, segundo Stegmaier (2013), está a experiência da natureza pelos gregos - enquanto um desenvolvimento a partir do ser -, onde, independente da hostilidade da natureza para com o homem, mostra sua beleza em sua eterna ordenação das coisas. É na ‘forma’ que temos a finalidade de modo que temos na origem já o fim, mas que só é alcançada integralmente em um tempo determinado. No entanto, imutabilidade da ‘essência’ resultaria a imutabilidade das espécies. Partindo, porém, do mundo orgânico, Nietzsche busca pensar sem qualquer intenção de suprimir o tempo no “devir”. Colocando em jogo de oposição ‘a forma fluida’ e o ‘sentido fluido’, ele as insere na contextualização do tempo – retirando-as da oposição metafísica⁴¹, pois, se tudo é móvel, o que importa é o corpo – que move-, e não algo imutável.

O sentido fluido reflete o conceito de que é impossível a definição das coisas enquanto definir algo de modo definitivo. Por isso, o pensar deve sempre poder

⁴⁰ NIETZSCHE, Genealogia da Moral, 2013, p. 42. Essa afirmação encontra-se de modo enfático na nota de rodapé da Primeira Dissertação – “Bom e Mau”, “Bom e Ruim”.

⁴¹ STEGMAIER, 2013, p. 128.

recorrer a novas verificações, concepção com a qual Nietzsche quebra com o tradicional conceito vindo desde Aristóteles do pensamento arquitetado por preceitos matemáticos e lógicos, tido como ‘puro’ e imutável, completamente a parte do tempo e da vida. Ele o entende como processo semiótico⁴², sob seu prisma, uma falsificação. Stegmaier (2013) simplificará essa exposição dizendo: “a forma é fluida, mas o ‘sentido’ é ainda mais...”⁴³; sendo que, este “ainda mais”, não conhece limite.

Uma verdade universal prescindiria de uma interpretação unânime. Em todo caso, para Nietzsche, não existem verdades individuais, apenas erros individuais⁴⁴, de modo que, uma verdade de fato só seria possível na mediação de perspectivas. É possível que tal verdade esteja conceitualmente relacionada a algo de extremo prezar para ele: o *sentimento de humanidade* que seria atingido com uma evolução da consciência. No entanto, o homem por se julgar humano, deixou de humanizar-se do mesmo modo que, “por acreditarem já ter a consciência, não se empenharam em adquiri-la”⁴⁵. Mas isto não é uma sentença irrevogável e Nietzsche visualiza para os filósofos do futuro um sentimento poderoso:

[...] – a felicidade de um deus pleno de poder e amor, cheio de lágrimas e risos, uma felicidade que, tal como o sol no princípio da noite, continuamente se derrama no mar, e que, tal como ele, só vem a se sentir verdadeiramente rica quando até o mais pobre pescador pode remar com remos de ouro! Esse divino sentimento se chamaria então – humanidade! (NIETZSCHE, GC, 2012, p. 201).

A sutileza nesse achado está justamente para o movimento, nos “remos de ouro do mais pobre pescador”, que pelo nascimento de tal divino sentimento - de humanidade-, tem seu instrumento de deslocamento convertido em rica preciosidade, pois, a partir de então, o mais pobre entre os homens poderá mover-se pelo mundo “nobremente”. Mas o filósofo defensor de uma crueldade puramente filosófica e da salvação humana pela autossuperação não está aqui falando de igualdade de classes, pois o ouro de Nietzsche reluz uma outra essência. Contrário a isso, fora um grande crítico do socialismo, em nada poupou o movimento do seu *filosofar a marteladas*,

⁴² STEGMAIER, 2013, p.130.

⁴³ STEGMAIER, 2013, p. 127.

⁴⁴ STEGMAIER, 2013, p. 59.

⁴⁵ NIETZSCHE, A gaia ciência, 2012, p. 61.

pois vira nele um parente do cristianismo pela ideologia igualitária, renúncia imposta ao indivíduo e fomentação à má consciência (sentimento de culpa)⁴⁶.

O socialismo é o visionário irmão mais novo do quase extinto despotismo, do qual quer ser herdeiro; [...], e até mesmo supera o que houve no passado, por aspirar ao aniquilamento formal do indivíduo: o qual ele vê como um luxo injustificável da natureza, que deve aprimorar e transformar num pertinente *órgão da comunidade*. (NIETZSCHE, HDH, 2013, p. 231).

A liberdade é, então, argumentada como algo impossível de ser condicionada unicamente pelo ser⁴⁷, portanto, esse deve ser eximido de culpa. Além da racionalização, a capacidade de compreender-se e aceitar-se como e o que se é: corpo – inteiro e nada mais -, enquanto detentor da melhor “razão” e melhor sabedoria⁴⁸. Toda potencialidade do homem só é possível porque este existe e o existir é corporal. O homem enquanto fração do todo não passa de *Vontade de poder*, e, não podendo condená-lo, pois seria julgar e condenar o todo, deve-se amar o inevitável, o infalível, aceitar o determinismo que nos caracteriza. Mas, uma coisa se faz necessária, que o homem atinja a sua satisfação consigo mesmo, “dando estilo” a seu caráter⁴⁹. Eis aqui a responsabilidade que Nietzsche destina ao homem:

uma arte grande e rara! É praticada por quem avista tudo o que sua natureza tem de forças e fraquezas e o ajusta a um plano artístico, até que cada uma delas aparece como arte e razão, e também fraqueza delicia o olhar [...] Tais espíritos – podem ser espíritos de primeira ordem – visam sempre configurar ou interpretar a si mesmos e ao seu ambiente como natureza *livre* [...]. (NIETZSCHE, GC, 2012, p. 173).

O *filosofar a marteladas* implica no ato de destruir como imprescindível para abrir um novo horizonte. A dureza e crueldade aqui é “querer o querer que nos quer”⁵⁰, por isso, não se propõe expurgá-las do homem, mas de torná-las uma veia dionisíaca da arte. Para esta é preciso uma cultura autêntica, uma verdadeira formação pela qual o homem possa conhecer as coisas, pois essas são as fronteiras do homem, - só as conhecendo é que então poderá conhecer-se a si mesmo⁵¹. Após isso, o homem

⁴⁶ ONFRAY, 2014, p. 84-5.

⁴⁷ NIETZSCHE, *Humano demasiado humano*, 2013, p. 45.

⁴⁸ NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, 2011, p. 39.

⁴⁹ NIETZSCHE, *A gaia ciência*, 2012, p. 173.

⁵⁰ ONFRAY, 2014, p. 105.

⁵¹ NIETZSCHE, *Aurora*, 2007, p. 48.

precisará da crueldade para lutar suas próprias guerras, - que seu trabalho seja a sua luta e que esta seja sua vitória!⁵²

A hierarquia defendida por Nietzsche está para a superioridade pertinentes aos nobres. Esta casta, detentora de uma cultura elevada, autêntica, é um bem do homem superior, do homem senhor de si. Grandes equívocos podem ser feitos ao interpretar essa filosofia sob a ótica de conceitos comuns, sendo que não há nada de comum aqui. O filósofo, por exemplo, utiliza os termos “escravo” e “senhor”, mas os emprega sob seu próprio olhar, (isto ocorre também quando ele se refere ao ser “nobre”); o primeiro refere-se ao homem subserviente que não permite dar vazão a *Vontade de poder*; o segundo é o homem senhor de si, em paz consigo e suas potencialidades, utilizando-se de sua crueldade filosófica para manter-se elevado tal qual uma águia, onde do alto tudo é capaz de observar, conhecer e distinguir com clareza.

A verdadeira bondade, nobreza, grandeza de alma que procede da riqueza: a qual não dá para tomar de volta, - a qual não quer *sublinhar* que é bondosa; - a *dissipação* como tipo de verdadeira bondade, da riqueza na *pessoa* como pressuposição. (NIETZSCHE, VP, 2011, p. 462).

Aqui, a liberdade do homem não está nas mãos de um sistema exterior que o comanda, mas na força interna que o determina. De nada adiantaria colocar *escravo* e *senhor* para viverem sob as mesmas condições. O que os nivelaria não seria o poder econômico, mas a *Vontade de poder*, o uso de suas potencialidades criadoras. O homem senhor de si, o nobre, é aquele que não peca, pois de tudo expurgou o fantasma da culpa (“assombração da moral”), e assume sua vontade de poder – este é aquele então capaz do “divino sentimento de humanidade”, pois sabe perceber e fazer uso de sua natureza.

Nietzsche se declara o primeiro filósofo trágico, pois é na estrutura de pensamento dos gregos arcaicos, anteriores a própria história da filosofia pela qual ele busca se referenciar. Isso porque ele vê na estrutura mitológica uma forma de pensar que não se fundamenta pela razão, mas se deixa conduzir pela arte e reverência à natureza. Ele compreende, porém, que essa antiguidade clássica é um mundo demasiado distante, tendo a lucidez de considerar que possui uma

⁵² NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 53. Zaratustra proclama: “Que vosso trabalho seja a luta! Que vossa paz seja vitória! ”.

interpretação particular acerca dessa; tal consideração o leva a uma nova percepção do tempo e história, levando-o a conceber a lei do *Eterno Retorno*. Nietzsche via nos gregos antigos uma sabedoria que nascera da arte trágica um saber tornar o sofrimento da existência em motivo para a arte⁵³ para criar o sublime, mas sabia que esta sua visão já era um exercício de superação histórica, um ato criativo.

⁵³ NIETZSCHE, Humano Demasiado Humano, 2013, p. 110. O autor diz que os gregos não eram ingênuos, mas que sabiam tornar o sofrimento da vida em deleite.

2. O VALOR DA ARTE NA MODERNIDADE

Da estrutura de pensamento socrática que herdamos, podemos dizer que, tiramos a “virtude” da equação⁵⁴, equivalendo racionalismo e felicidade. Conseqüentemente, isso teve reflexos culturais, sendo que, hoje, podemos encontrar já dois significados básicos para o termo *cultura*⁵⁵. Primeiramente, temos um conceito mais antigo, onde cultura diz respeito a formação e refinamento humano individual, ao que os gregos chamavam *paideia*, um educar através das “boas artes”, - entre elas a poesia e a filosofia-, e que excluía as atividades utilitárias como os ofícios profissionais e os trabalhos manuais, mas que, em contrapartida, estava para uma realização naturalista do homem, portanto, para uma existência terrena. O segundo significado surge no séc. XVIII com a filosofia iluminista e que entende cultura como o *produto* dessa formação, ou seja, o modo de viver e pensar de modo conjunto dos homens, também entendida como *civilização*.

O processo da modernidade (onde prevalece o segundo significado de cultura) foi o de dissolução de valores, do “derretimento dos sólidos”⁵⁶, que se ocupou em “derreter” as obrigações que não fossem imprescindíveis. Norteado pelo utilitarismo⁵⁷ - tão refutado por Nietzsche-, agregou imensa importância aos negócios, ao lucro, ao fluxo do mercado. Podemos ver que esse *derretimento* “levou a progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais”⁵⁸. O novo ideal visado era abrir espaço para “novos sólidos” até mais rígidos e estáveis do que os anteriores.

⁵⁴ NIETZSCHE, Crepúsculo dos ídolos, 2008, p. 29. O autor apresenta o que chama de equação socrática, de “razão = virtude = felicidade”, a qual desaprova e alega que esta vai contra os instintos dos antigos gregos.

⁵⁵ ABBAGNANO, 2007, p. 225. Ambos os dois significados básicos para cultura, bem como sua fundamentação nesse primeiro parágrafo do capítulo, baseiam-se nessa referência bibliográfica.

⁵⁶ Expressão utilizada por Bauman, originária de Marx e Engel no *Manifesto Comunista*.

⁵⁷ ABBAGNANO, 2007, p. 985. Segundo o autor, o Utilitarismo é o conceito fundamental da economia política, e é a tentativa de transformar a ética em ciência positiva da conduta humana – “exata como a matemática”-, onde há a coincidência entre utilidade individual e pública.

⁵⁸ BAUMAN, 2001, p.11. Observação: Eis os “sólidos”, as convenções anteriormente bem formatadas da sociedade, que passaram a ser vistas como embaraços para o progresso que se pretendia.

A nova ordem estava protegida de qualquer ação que não fosse econômica, pois, as atuações políticas e morais que poderiam interferir e reformá-la foram eliminadas ou fragilizadas de forma que ela se alastrou pelas esferas da vida humana, de modo a tornar tudo e todos reféns de sua lógica implacável e contínua. Esse “absolutismo”, podemos notar, diferente de outros episódios históricos, não se instaurou pela mão da ditadura e da imposição⁵⁹, mas por consequência do modo radical como se procedeu o “derretimento dos sólidos”, que eram cridos como limitadores da liberdade individual⁶⁰, muito embora:

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, [...] (BAUMAN, 2001, p.14).

Nesse contexto - onde cada um é responsável por si mesmo e os fracassos não podem ser atribuídos aos padrões do sistema vigente-, se é necessária uma revolução, não sabemos ainda como fazê-la, pois não há uma central que controle esse sistema instaurado⁶¹, não podemos atacá-lo com as estratégias que conhecemos de combate. Para tal empreitada, seriam necessárias novas armas.

O niilismo, Nietzsche percebe como “ambíguo”, como maior potência, e, ao mesmo tempo, maior declínio da potência do espírito⁶². Podemos encontrar dois tipos de niilismo dentro de seus escritos: o niilismo passivo e o niilismo ativo. O primeiro é também denominado reativo no que cumpre se recusar a tomar consciência do aniquilamento que a dissolução dos valores supremos gera e, para restaurar uma certa ordem, recorre aos disfarces de toda espécie, sejam eles morais, religiosos, políticos, etc., porque, em suma, não sente real necessidade de qualquer fim ou significado⁶³. Por outro viés, o niilismo ativo – empregado por Nietzsche em seu *filosofar a marteladas*⁶⁴ - não apenas chega a essa constatação de ausência de qualquer significado, como também se esforça a destruir os disfarces que já existem,

⁵⁹ BAUMAN, 2001, p. 12.

⁶⁰ BAUMAN, 2001, p. 12.

⁶¹ BAUMAN, 2001, p. 12.

⁶² VATTIMO, 2010, p. 242.

⁶³ VATTIMO, 2010, p. 242-3.

⁶⁴ NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos*, 2008, p. 124. O subtítulo da obra é: “como filosofar a marteladas”, e no último texto do livro, ele diz: “todos os criadores são duros”, “somente o mais duro é o mais nobre”. A obra em suma, fala da necessidade de destruir os velhos ídolos, rígidos como estátuas.

buscando o aniquilamento das estruturas pré-estabelecidas até então⁶⁵, não se posicionando pela lógica e sim pela criatividade, sendo que não se pode destruir sem construir algo no lugar.

Segundo Bauman (2001), vivemos uma *modernidade líquida*. Diferente dos sólidos, os líquidos não têm facilidade em manter uma certa forma. A velocidade da era moderna nos apressa: “[para os líquidos] o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento”⁶⁶. Essa qualidade de movimento, essa fluidez, causa a sensação de leveza e “liberdade”, pois temos muito acesso a informação, aliás, numa quantidade maior a que somos capazes de assimilar. Vivemos a globalização, e, a alforria repentina decretada pelas leis econômicas (ou falta de leis), dada a essa sociedade moderna globalizada, traz consigo uma impotência igualmente repentina⁶⁷. A fórmula sintetizada por Nietzsche, da tendência nefasta que previra na expansão da cultura - (“o máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidades possíveis-, portanto o máximo de felicidade possível”⁶⁸), parece ser uma fórmula bastante coerente para exprimir certo aspecto da sociedade da *modernidade líquida*, a *indústria cultural*⁶⁹. Trata-se de uma cultura globalizada, que cultua o consumo e que perdeu o sentido de ser duradoura.

Por cultura compreende-se o conjunto de saberes acumulados pela humanidade e responsáveis pela formação do espírito humano⁷⁰. Segundo Hannah Arendt, um objeto torna-se cultural, dependendo de sua permanência, num caráter de durabilidade que se opõe à funcionalidade cuja qual tende a tornar os objetos obsoletos e descartáveis⁷¹, implicando em algo que transcende a realidade, a atualidade e o utilitarismo. Porém, a “cultura líquido-moderna”⁷² escapa a esse

⁶⁵ VATTIMO, 2012, p. 243.

⁶⁶ BAUMAN, 2001, p. 8.

⁶⁷ BAUMAN, 2001, p. 34.

⁶⁸ NIETZSCHE, Escritos sobre Educação, 2012, p.72.

⁶⁹ JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 3. O termo *indústria cultural*, foi criado e conceituado pelo filósofo alemão Theodor Wieselund Adorno (1903-1969), para caracterizar a exploração comercial e vulgarização da cultura. O filósofo criara uma teoria crítica da ideologia da sociedade industrial e de sua respectiva cultura, uma “cultura industrial”.

⁷⁰ JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 63. Definição de cultura.

⁷¹ ARENDT, 1968, *apud* BAUMAN *et al.*, 2009, p. 76.

⁷² BAUMAN, 2009, p. 83. O autor utiliza esse termo envolvendo o termo “líquido” justamente para caracterizar a cultura da pós-modernidade como sendo algo extremamente fluido, instável e em nada permanente.

conceito, e os eventos da vida são então experienciados tal como os objetos de consumo, instantaneamente, sendo que não há planejadores e gerenciadores ocupados com objetivos a longo prazo⁷³. Todos estão submersos pela lógica financeira do lucro, do consumismo, retroalimentando um ciclo vicioso.

Essa lógica está sempre renovando os produtos ofertados. Para cada possível problema, o mercado está cheio de soluções⁷⁴. Está tudo resolvido! Há mais “soluções” do que problemas, e, para obtê-las, basta comprá-las. Em contrapartida, a dissolução dos velhos valores, os antigos “sólidos”, um novo valor se edificou. Ainda que um certo romantismo já meio capenga, tente resistir afirmando que dinheiro não traz felicidade, passamos a concordar que o dinheiro compra a felicidade por entendemos que para tudo que se queira realizar basta que se possua o capital de investimento. Pode parecer um pensamento inocente, mas Nietzsche já o havia acusado como um problema de *valor*.

Os meios utilizados pelo desejo de poder mudaram, mas o mesmo vulcão reclama suas vítimas: o que outrora se fazia “por amor a Deus”, hoje se faz por amor do dinheiro, isto é, daquilo que *hoje* confere o sentimento de poder mais elevado e a boa consciência. (NIETZSCHE, 2007, p. 151).

Hoje, há mais produtos a serem consumidos do que necessidades reais. A *necessidade* foi substituída pelo desejo e este foi logo descartado pelo simples “querer”, que se comporta de forma *líquida*, e, sendo a tendência de mercado estimular esse fluxo em prol da rotatividade objetos de consumo, ele sequer toma forma, não encontra barreiras e representa a liberação do princípio de prazer⁷⁵, pois afinal de contas:

“Querer” não é “desejar”, aspirar, ansiar: destes se destaca pelo afeto de comando. [...] Aquele estado de tensão universal, em virtude do qual uma força aspira por desencadear-se, - não é nenhum “querer”. (NIETZSCHE, VP, 2011, p. 337).

Vejamos que a questão da “força” para Nietzsche é uma propriedade que ele se utiliza para desafiar a tradição científica, em que, segundo o autor, apenas são relatados os efeitos de uma força, mas não a força em si, sendo que, as nomeadas forças de atração e repulsão são puramente mecânicas e apenas denotam a tentativa

⁷³ BAUMAN, 2009, p. 82.

⁷⁴ BAUMAN, 2001, p. 80: “Achamos a solução. Vamos agora procurar o problema”.

⁷⁵ BAUMAN, 2001, p. 98. O autor explica o “querer” substitui o desejo (criador do vício de consumo), complementando a liberação do prazer. Enquanto o desejo possuía a si mesmo como objeto, possuía uma constância, o “querer” dita um novo ritmo para o consumo, muito mais veloz.

de manter o mundo sob uma ótica representável, isto é, visível, palpável⁷⁶. Essa possibilidade de visualização não aproxima o homem de uma perspectiva onde a força é uma qualidade inerente ao corpo, mas mero mecanismo cujo valor pode ser revelado por sua medição e cálculo⁷⁷, que apenas demonstra a necessidade da ciência em tornar o mundo compreensível e justificável⁷⁸, coisa que o mundo não é.

A natureza da força é algo que nos escapa, pois nem queremos a *força*, o nosso “querer” está para comprar. Se concordamos com o que nos expõe Nietzsche, acerca da distinção entre o querer e o *verdadeiro* desejo, uma vez que este implica numa força interna a qual quer ganhar espaço, podemos ver o quanto o “querer” está diretamente relacionado a algo externo, afastado de um desejo interior do homem. Este “querer” tornou-se na *modernidade líquida* o novo meio para a autoexpressão, pois o indivíduo busca se expressar através do que compra, do que tem⁷⁹. Nada podendo permanecer, tudo precisa ficar obsoleto, e, para não ficar para trás assim como os bens de consumo, por necessidade de autoafirmação, consumimos mais. Assim se configura nosso orgulho agora⁸⁰, contexto que nos faz “perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, objetos para *uma* só utilização; o mundo inteiro – inclusive outros seres humanos”⁸¹.

George Orwell, em sua distopia “1984”, sugeriu: “se queres uma imagem do futuro, pense numa bota pisando um rosto humano, para sempre”⁸². Hoje, vivemos a dominação dos homens sobre os homens, onde, cada qual, na mesma medida em que consome, também é objeto de consumo⁸³. Estar na condição de consumir ou de ser consumido são ambos estados momentâneos e que tendem a se repetir sempre. A manutenção desse ciclo é uma ditadura velada, a vida sendo ordenada pelo “comprar”⁸⁴. Contudo, os valores que se pode comprar ameaçam os valores do pensar.

⁷⁶ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p.320-1.

⁷⁷ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 320-1. No aforismo 624, Nietzsche retrata a necessidade que inventamos de calcular as coisas com a finalidade de traduzir o mundo em fórmulas.

⁷⁸ NIETZSCHE, O nascimento da tragédia, 2011, p. 107.

⁷⁹ BAUMAN, 2001, p. 93-8.

⁸⁰ BAUMAN, 2009, p. 17.

⁸¹ BAUMAN, 2001, p. 203

⁸² ORWELL, 2004, p. 255.

⁸³ BAUMAN, 2009, p. 18.

⁸⁴ BAUMAN, 2001, p. 95.

Foi só o sentido atribuído à emancipação sob condições passadas e não mais presentes que ficou obsoleto – não a tarefa da emancipação em si. Outra coisa está agora em jogo. Há uma nova agenda pública de emancipação ainda a ser ocupada pela teoria crítica. (BAUMAN, 2001, p. 65).

O que temos então como liberdade, talvez não seja de fato liberdade, mas pura fatalidade⁸⁵. Não precisamos sofrer. Como se fosse terapia, podemos ir às lojas, às prestadoras de serviço e consumir para nos sentir melhor, experimentando um certo sentimento de poder, embora mero “poder comprar”. Esse tipo de comportamento típico na modernidade, assim como o crescimento de consumo de antidepressivos, no entanto, pode ser apenas mais um indício de que apenas buscamos, a todo *custo*, nos livrar do sofrimento⁸⁶ ao invés de enfrentá-lo de fato.

Independente da distopia, se é a de Orwell, ou de Aldous Huxley – *Admirável Mundo Novo*- ambas concebem um futuro onde a sociedade está organizada em administradores, e administrados⁸⁷ que vivem sob a “camisa de força” social criticada por Nietzsche⁸⁸. Enquanto Huxley (2010) concebe uma esterilização humana, onde todos são meras peças da engrenagem, em Orwell (2004) podemos notar que não é diverso. Em ambos os autores, a cultura clássica, destinada à experiência sensível, é suprimida em prol de uma cultura de alienação. No Brasil, o Ministério da Cultura, através de uma pesquisa realizada em 2007⁸⁹, revelou que a média de livros lidos no país por pessoa, anualmente – com exceção dos que são requerentes pela escola-, é de 1,3. Claro, infelizmente, como já dissera Huxley, “não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros”⁹⁰. O que acabamos por ter com a cultura industrial pode ser visto como uma incultura, e, ao homem desta, Nietzsche dá esse duro diagnóstico:

Tu és um homem de cultura degenerado! Nascestes para a cultura, mas foste educado pela incultura! Tu és um bárbaro impotente, escravo do dia, atado

⁸⁵ BAUMAN, 2001, p. 47. O autor expõe a individualidade como uma fatalidade, e não uma escolha de fato.

⁸⁶ BAUMAN, Z. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”: depoimento. [24 de setembro de 2010]. Istoé Online. Na entrevista, Bauman declara: “foi provado, além de qualquer dúvida razoável, que a nossa induzida intolerância à dor é uma fonte inesgotável de lucros comerciais”.

⁸⁷ BAUMAN, 2001, p. 70-1. Bauman compartilha essa percepção de Orwell, e de Huxley, de que ambas as distopias apresentam essa mesma concepção, de uma sociedade dividida em administradores e administrados, como ele explica, entre projetistas e seguidores de projetos.

⁸⁸ NIETZSCHE, Genealogia da moral, 2013, p. 44.

⁸⁹ MINISTÉRIO DA CULTURA. Pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, realizada pelo instituto Pró-Livro, e disponível no site do ministério.

⁹⁰ HUXLEY, 2009, p. 92.

pela corrente do momento e faminto – eternamente faminto! (NIETZSCHE, EE, 2012, p. 154).

Essa incultura está formalizada e mantém o homem tal qual um *animal de rebanho*, subserviente por falta do “pensar” e incapaz de criar. Cultura assumida por uma sociedade que, apesar de simpatizante da crítica, parou de questionar-se enquanto tal, que, por não reconhecer mais outras possibilidades para si, deixou de se examinar⁹¹, que submeteu às esferas da vida a uma lógica mecanicista de mera compra e venda, de luxo feito para virar lixo. Essa organização reafirma nossa impotência frente a um sistema que contribuímos para que permaneça assim – somos peças da grande engrenagem. Criticamos muito, mas não nos responsabilizamos por negociar a filosofia e a administração que envolve aquilo à que criticamos⁹² - não somos formados com a finalidade de sermos negociadores, administradores, sequer para representarmos a nós mesmos, por conseguinte, há os políticos de carreira para que não tenhamos o dispêndio de qualquer responsabilidade.

Nossa vida moderna é extremamente *dispendiosa* pela quantidade de pessoas intermediárias; em uma cidade antiga, por outro lado, e com eco ainda em muitas cidades da Espanha e da Itália, a pessoa mesma se apresentava e não teria dado nada a um representante moderno e negociante intermediário – a não ser um pontapé! (NIETZSCHE, CI, 2008, p. 63).

A infinidade de possibilidades disponíveis é também a infinidade de incertezas que gera o sentimento de insegurança. A velocidade é a arma da modernidade e ela não tem prazo para desacelerar. Esse eterno ir pode certamente interferir em nossa capacidade de presença e relação com o tempo. O “querer” lança a experiência para o futuro e uma vez que é instantaneamente *experienciado* (enquanto prazer) quando alcançado, logo fica para trás, pois continua-se querendo. E, como o futuro é cada vez mais incerto, não se pode deixar para amanhã qualquer prazer que se possa proporcionar hoje, por mais efêmero e supérfluo que possa ser. O indivíduo da modernidade, então, pode ser visto tal qual o comedor compulsivo, que come pensando no que fará para emagrecer, mero refém da indústria de alimentos e “emagrecedores”.

⁹¹ BAUMAN, 2001, p. 33-4. O autor expõe a dificuldade que temos de olhar de uma maneira ampla o suficiente para compreendermos os mecanismos complexos que nos coordenam e determinam, de forma que acabamos por nos sentir impotentes.

⁹² BAUMAN, 2001, p.35.

No prefácio de *Admirável Mundo Novo*, Huxley (2010) conta que, por acreditar que a sanidade é um fenômeno ainda que raro, possível, e por ter ousado retransmitir suas ideias a esse respeito, bem como apresentar aos quais chama de “sãos de espírito”, ouviu de um eminente crítico acadêmico que ele (Huxley) era um “triste sintoma de fracasso de uma classe intelectual em tempo de crise”⁹³. Em resposta a isso, escreveu:

A inferência é, suponho, que o professor e seus colegas são alegres sintomas de êxito. Os benfeitores da humanidade merecem as honras e comemorações devidas. Construamos um Panteão para os professores. Deveria localizar-se entre as ruínas de uma das cidades destruídas da Europa ou do Japão, e acima da entrada eu inscreveria, em letras de seis ou sete pés de altura, estas simples palavras: “Consagrado à memória dos educadores do mundo. *Si monumentum requeris circumspice*”. (HUXLEY, 2010, p.13).

A sociedade de consumo não se compreende mais sequer como sociedade, por isso pode ser vista como doente - um problema para a cultura – um complexo arquitetado por individualidades, que, uma vez encerrado seu exercício de autoquestionamento enquanto grupo, passou apenas a tentar “remediar” seus problemas individuais (ou assim entendidos) – “comprando soluções”-, deixando de encará-los com seriedade. Sendo assim, podemos ver como lamentável o evento de um feliz sintoma de sanidade – um produtor de cultura que não está subserviente à “nova ordem”-, seja interpretado como “triste sintoma de fracasso”. Carecemos de lucidez, de uma reflexão indispensável à era moderna: sobre os rumos que passamos a tomar justamente por deixarmos de decidi-los por nós mesmos. Nessa correnteza caótica da vida líquida, pode ser de fato difícil visualizar a grande massa de indivíduos como um corpo social.

Agora, se a educação ainda é guardiã de nossas esperanças, precisamos de professores capazes à altura da engenhosa e, a cada instante, nova missão. Nietzsche já havia alertado: “Educar os educadores! Mas os primeiros deviam educar-se a si mesmos! E é para eles que escrevo”⁹⁴. A tendência de redução cultural que ele interpretara e denunciara em sua época na Alemanha é causada justamente por sua ampliação ao ponto de sua perdição e enfraquecimento. Vivemos a globalização onde o indivíduo responsável absoluto por sua própria felicidade está à deriva na

⁹³ HUXLEY, 2010, p. 13.

⁹⁴ NIETZSCHE, *apud* SOBRINHO *et al.*, 2012, p. 7.

modernidade líquida. Ele precisa encontrar seu próprio norte⁹⁵, de certo modo educar-se a si mesmo, o que demandaria esforço, tempo, e visaria valores não cultuados pela “indústria” que não podem cumprir com nossas esperanças.

Cada um deveria avaliar-se a si próprio com precisão, cada um deveria saber o quanto poderia pretender da vida. “A união da inteligência e da propriedade”. (...). Segundo esta perspectiva, se chega mesmo a odiar toda cultura que torne solitário, que proponha fins para além do dinheiro e do ganho, ou que demande muito tempo; (NIETZSCHE, 2012, p. 73).

A liberdade de escolha impõe a responsabilidade e as consequências sobre quem escolhe. Ninguém quer ser culpado de sua infelicidade, queremos apenas os méritos, não sabemos e nem queremos lidar com o sofrimento. Em todo caso, é preciso considerar que a liberdade mesma possui um caráter perspectivo, não só pelo fato de que cada um pode ter uma interpretação particular a respeito de seu significado, mas também, que nem todos estejam dispostos a ela. Esse processo, segundo Nietzsche, exige uma tomada de consciência, um desejo latente e a propriedade criativa⁹⁶, e, claro, pode ser que nem todos estejam de fato inclinados a esta empreitada.

Diz Bauman que “a história do tempo começou com a modernidade” sendo a própria modernidade, a *história do tempo*⁹⁷. Antes, o espaço era o valor. Queria-se descobrir e colonizar territórios. Quanto maior, melhor, e o tempo era a ferramenta da conquista espacial⁹⁸: aumentando a velocidade do movimento, era a forma de conquistar mais espaço, pois, afinal, tratava-se de uma corrida onde todos obviamente querem chegar primeiro. Este é o retrato do passado *capitalismo pesado*, onde expandir era sinônimo de sucesso. É o cenário com grandes fábricas, máquinas imensas, mas a instantaneidade do tempo no atual *capitalismo leve*, desvaloriza o

⁹⁵ Compreendemos que o termo “norte” aqui empregado pode levar a uma interpretação equivocada, a de que estamos defendendo uma educação que possui um resultado final. No entanto, precisamos salientar que dentro da estrutura de pensamento do autor estudado isso não é cabível por considerar a ideia de ausência de fim. Em Nietzsche, temos que a virtude de cada um é única e só pode ser conhecida ao ser desenvolvida. Portanto, um objetivo bem especificado e delimitado tal qual um lugar ilustrado num mapa e direcionado por uma bússola não expressa com fidelidade a ideia de formação aqui apontada, na qual existe sim uma direção, mas não um lugar (objetivo final) a se chegar onde se finalizaria a caminhada.

⁹⁶ NIETZSCHE, *Humano Demasiado Humano*, p. 12-3. No prólogo 6, o autor narra o movimento de liberdade do homem, cujo espírito sob efeito de uma luz repentina começa a desvendar o enigma da liberdade e começa a tornar-se senhor de si, e que só então sabe do que é capaz, e que só agora lhe é permitido.

⁹⁷ BAUMAN, 2001, p. 140.

⁹⁸ BAUMAN, 2001, p. 14.

espaço⁹⁹, e não nos preocupamos com o caminho a ser percorrido. Não nos interessa tanto os meios, mas os fins. Nosso “querer” é instantâneo e objeto de si mesmo, enquanto a vida permanece num estado de niilismo passivo, desprovida de significado, mas disfarçado pelo “poder comprar”, que mantém a todos bem ocupados.

A humanidade não tem objetivo nenhum, e por isso, considerando todo o seu percurso, o homem não pode nela encontrar consolo e apoio, mas sim desespero. (NIETZSCHE, HDH, 2013, p. 38-9).

O esvaziamento humano gerado pela autoridade técnico-científica e divinização econômica é o que temos hoje. Em sua época, Nietzsche defendeu a criação de estabelecimentos de ensino voltados para o ensino de uma cultura autêntica, o que implicava na formação não de indivíduos utilitários, mas indivíduos formados para a vida. Ele estava a pensar no homem para o futuro. Essa cultura capaz de criar significados para a vida é também aquela capaz de durar, pois está muito além do poder econômico e do que é efêmero, revelando o *divino sentimento de humanidade*, não mensurável em virtude de seu valor humano. É este o valor da Arte. Sua potencialidade? Reconciliar o homem com a natureza e consigo mesmo, conseqüentemente, com suas potencialidades criativas.

Nietzsche acusa como grave o sentimento de impotência do homem em relação ao tempo e a história; por isso, reinterpretou a possibilidade de relação do homem com o tempo, oferecendo assim uma cura para a chamada *doença histórica*, que faz do homem um ser subserviente, incapaz de restituir o valor a vida. Esse “mal” do homem não se dá apenas por um esgotamento criativo, mas, segundo o filósofo, “trata-se sempre da ingenuidade hiperbólica do homem: o [colocar-se] ele mesmo como sentido e critério de valor das coisas”¹⁰⁰. O niilismo, por sua vez, representa uma desilusão proveniente de um pessimismo a qual o autor muito critica, ao mesmo passo que julga parte de um processo necessário. Com duas *marteladas*, temos então: 1) não há significado na existência; 2) o homem não é o centro de tudo, nem dele mesmo. O “centro”, agora, é a *Vontade de poder*, que é a do *todo* manifestada em cada um. Por isso, uma nova concepção de temporalidade através da lei do *Eterno retorno* em comunhão com essa nova referência, sendo que:

⁹⁹ BAUMAN, 2001, p. 149.

¹⁰⁰ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 33.

A vontade de potência representa a essência do mundo como Nietzsche o vê, enquanto o eterno retorno é sua existência e realização (embora, e isto é decisivo, em um sentido diferente da relação tradicionalmente estabelecida entre essência e existência). (VATTIMO, 2010, p. 7).

Segundo Vattimo, algo que se faz presente na modernidade é uma mentalidade que não consegue se relacionar e aceitar a tradição. Esta que sempre denota algo a nos fazer reverenciar ainda que a contragosto, por isso, algo da qual aparentemente devemos nos libertar. Isso revela uma relação simplória com a cultura, o desinteresse em “querer além do momento”¹⁰¹, evidenciando o imediatismo típico da sociedade de consumo e de sua “cultura industrializada”. A verdadeira libertação só seria viável por meio de um desejo criativo, uma vontade disposta a reinterpretar o passado e o absolvê-lo do velho “foi assim” em um “eu quis que fosse assim”¹⁰². Isso implicaria na aceitação do inelutável, que, ao contrário de mera resignação, coloca o homem na condição de *senhor* de sua história.

A crítica nietzschiana a tradição refere-se a algo que tende a padronizar e domesticar a vontade do homem, no entanto, e aparentemente contraditório, uma cultura autêntica só poderia nascer através da disciplina e obediência¹⁰³. Essa concepção dentro da mobilidade do pensamento de Nietzsche só pode ser compreendida a partir do *Eterno retorno*, onde a essência no sentido de valor se repete, mas sua forma de expressão é livre. Segundo Bauman, a cultura reside entre o ato de criação e regulação normativa¹⁰⁴, seu paradoxo está justamente para a *autonomia e vulnerabilidade*¹⁰⁵. Em Nietzsche, podemos considerar a autonomia como a licença a vasão da *Vontade de poder*, sendo que a vulnerabilidade podemos interpretar como os riscos que toda luta expõe o guerreiro. Por conta dessa dualidade, a sabedoria trágica está em função de dar sentido ao sofrimento para que o homem não tenha medo de sofrer, de lutar suas próprias guerras e responsabilizar-se por si mesmo. Este saber não se concretiza por um pensamento racional que terminaria no vazio, mas faria da constatação deste um motivo para a Arte. No entanto, nas experiências instantâneas da *modernidade líquida*, onde mal chegamos a

¹⁰¹ VATTIMO, 2010, p. 29.

¹⁰² VATTIMO, 2010, p. 33. Os termos “foi assim” e “eu quis que fosse assim” são exatamente os termos empregados pelo autor para ilustrar relações do homem com o tempo.

¹⁰³ NIETZSCHE, Escritos sobre Educação, 2012, p. 158.

¹⁰⁴ BAUMAN, 2012, p. 18.

¹⁰⁵ BAUMAN, 2012, p. 20.

compreender os complexos mecanismos que nos condicionam, como poderíamos atingir tal pessimismo a ponto de compreendermos o valor e desejarmos a Arte?

Quem dentre vocês chegará a uma verdadeira percepção da gravidade sagrada da arte, se são pervertidos metodicamente a balbuciar indistintamente por si mesmos, quando se deveria ensina-los a falar, a estetizar por si mesmos, quando se deveria leva-los ao fervor diante da obra de arte, a filosofar por si mesmos, quando se deveria obriga-los a *escutar* os grandes pensadores? (NIETZSCHE, EE, 2012, p. 94).

Quando há uma cultura sendo produzida em larga escala pela indústria, ainda há resquícios de uma a qual Nietzsche chamaria “autêntica”. Trata-se de uma cultura antiga, não só de gênios do passado, mas também de gênios de agora, que, baseados numa *vontade de poder* (alcançar o máximo possível de sua Arte), dão à sua obra um sentido e valor humano, por isso, incalculável. Esses gênios de hoje certamente se tornarão gênios do passado, uma vez que suas obras não se encontram guiadas pela lógica de consumo, portanto, não são feitas para sair de moda.

Superar o niilismo da modernidade é constatar essa fluência caótica, no entanto, com o senso da sabedoria trágica, aprende-se a rir¹⁰⁶ dela. Esse riso, signo da superação do pessimismo, implica na liberação individual, criando uma original interpretação da realidade, “mundos admiráveis”, de modo que possamos, assim, com particular boa consciência, rir de toda e qualquer tragédia, inclusive a da *modernidade líquida*.

¹⁰⁶ NIETZSCHE, A gaia ciência, 2012, p. 156. A questão do riso é muito presente na filosofia trágica de Nietzsche, ao qual ele dedica um pequeno e significativo aforismo, número 200 de *A gaia ciência*: “Rir significa: ter alegria com o mal dos outros, mas com boa consciência”.

3. ARTE E VONTADE DE PODER

A força motriz do mundo para Nietzsche é o amor-próprio¹⁰⁷, o que implica em amar a nossa vontade enquanto uma parcela de vontade do mundo. Esse cenário visualizado pela teoria do *Amor Fati* é a fórmula proposta para a restauração da hierarquia de valores:

Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo...* (NIETZSCHE, EH, 2013, p. 49).

Podemos dizer que a grandeza do homem, aqui, está para ser exatamente do tamanho que é, com suas possibilidades, limitações, e capacidade de sincronizar a vontade de si com a vontade do mundo – “querer o inelutável” -, com o que a realidade e as circunstâncias os oferece. O *Eterno Retorno*, enquanto realização da *Vontade de Poder*, é a lei de atuação dessa vontade perspectiva – por isso *amor-próprio*, sugerindo assim o fundamento de uma nova ética.

A lei do *retorno* é uma constatação cíclica da realidade e do tempo. Por isso, o princípio ético seria a escolha daquilo que desejaríamos repetidamente, sempre. Não se trata do apaziguamento da vontade, mas da reafirmação do prazer¹⁰⁸, uma vez que a vontade quer sempre tornar-se senhora, recuperar seu poder, nunca atingindo uma satisfação plena¹⁰⁹. A doutrina de superação do homem (do *super-homem*, ou *além-do-homem*), a qual nos ensina *Zaratustra*, é a consciência da vontade enquanto agente criador, de forma que o comportamento cíclico do *retorno* não simboliza a repetição da vontade, mas na reprodução indefinida¹¹⁰. Por isso, a cura da *doença histórica* reside em uma nova relação do homem com o tempo, a qual *Zaratustra* ensina:

Tudo o que “foi” é fragmento e enigma e espantoso acaso, até que o querer criador declare: “Mas eu quis que fosse assim”. Até que o querer criador

¹⁰⁷ ONFRAY, 2014, p. 51.

¹⁰⁸ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 398: O estado de prazer, que se nomeia *embriaguez*, é exatamente um elevado sentimento de *poder...*”

¹⁰⁹ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 352. O autor inclusive afirma: “A causa do prazer não é o apaziguamento da vontade: quero combater especialmente essa teoria, que é uma das mais superficiais”.

¹¹⁰ VATTIMO, 2010, p. 11.

declare: “Mas é assim que eu quero, e hei de querer assim”. (NIETZSCHE, Z, 2011, p. 163)

Zaratustra nos ensina que a eternidade reside no instante de decisão e é esta que determina os acontecimentos. Sendo assim, não haveríamos de aprender a “querer para trás”¹¹¹? De ver o passado como algo que decidimos em algum momento que fosse como foi? O que pode hoje, do passado, ser mais querido do que a potência de eternidade presente na arte? Querer o “ontem”, querer agora, “querer” também para o amanhã, eis a sabedoria trágica. O que pode servir de referência para a superação do homem? Apenas o que de melhor este já criou. E se o sofrimento hoje, está para a ausência de sentido e objetivo para a humanidade, a cultura poderia ser de fato uma forte e profunda raiz para conectar o homem a um sentido terreno ainda que ele se encontre a deriva numa realidade líquida. E, “o homem tem necessariamente direito à felicidade terrestre, eis porque a cultura é necessária, portanto, somente para isto!”¹¹². Talvez, nunca tenhamos tanto motivo para a arte como hoje.

[...] há algo de decadência em tudo o que o homem moderno apresenta: mas, estreitamente junto à doença, estão sinais de uma força ou potencialidade da alma ainda não experimentada. *As mesmas razões que produzem o apequenamento dos já mesquinhos impulsionam os mais fortes e mais raros até os pícaros da grandeza.* (NIETZSCHE, VP, 2011, p. 81).

A arte, segundo Vattimo (2010), tem um caráter ambíguo, ainda que os valores supremos sejam desvalorizados, ela se mantém viva, perdura, revelando-se de imensa grandeza para Nietzsche. Nela, percebia “um resquício daquele elemento dionisíaco de cujo nascimento depende o renascer de uma civilização trágica”¹¹³, vendo na essência dionisíaca a pulsão de força, de movimento e natureza do homem. Por conta disso é que atrelava a ela maior valor do que a ciência e, também, é que cria sua *gaia ciência*, um saber da terra e do experimento da vida.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche nos fala de “dois estados pelos quais a arte irrompe-se no homem como um poder da natureza”¹¹⁴. Apolo, como princípio de razão, limite, forma, e Dioniso enquanto princípio vivificante, movimento¹¹⁵. A arte cujo mundo das formas nasce da conciliação entre essas duas

¹¹¹ VATTIMO, 2010, p. 40.

¹¹² NIETZSCHE, Escritos sobre educação, 2012, p. 217.

¹¹³ VATTIMO, 2010, p. 182.

¹¹⁴ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 397.

¹¹⁵ VATTIMO, 2010, p. 193.

divindades, Apolo e Dioniso, é a arte trágica, o mundo do ditirambo. O mundo dos símbolos é movido pela força de Dioniso, que se apodera do mundo ditirambo promovendo o efeito supremo do sublime. No entanto, essa “conciliação” da arte trágica não é um acordo de pacificação, mas de condição para um novo conflito¹¹⁶, onde também se cumpre o *Eterno Retorno*. Nietzsche compreendia a antiguidade clássica como referência para uma civilização superior, batia contra a projeção moderna de “serenidade” helênica, interpretando-os de modo diverso:

Em Nietzsche a greicidade autêntica é construída em contraposição a tudo o que há de mole, de flácido e de efeminado no mundo moderno; é dessa denúncia que é preciso partir, se quisermos colher a trama e o significado do *O nascimento da tragédia*. (LOSURDO, 2009, p.27).

A dureza que ele vê nos gregos é a qualidade de força e potência do artista. Em suas lições¹¹⁷, esse povo antigo buscava o escapismo do mundo de culpa e destino, onde a tragédia não consolava, mas por onde se abriu a intuição de uma ordem transfigurada de todas as coisas¹¹⁸. Era nessa greicidade que Nietzsche acreditava e, em paralelo, advertia: “nós temos que superar também os gregos!”¹¹⁹. Reconhece que a essência grega, de fato, é inalcançável em virtude da distância que está de nós e, de nossa realidade, tal mundo “mitológico”, restando-nos apenas a inspiração para interpretações.

A arte da tragédia é a prova de que os gregos não foram pessimistas, mas superaram o pessimismo¹²⁰. É esta psicologia de superação que ele apresenta através de *Zaratustra*, sua tão querida obra e esperança, (como ele assim relata em *Ecce Homo*), sua expressão de *grande saúde*. A denominação desta está para uma “nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora”¹²¹. *O Assim Falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*, segundo Onfray (2014), é uma obra prima, superando tanto a prosa poética quanto a filosófica¹²². Nessa obra, além de sua filosofia ser construída ao caminhar, seu personagem ilustre é também um caminhante que discursa seus pensamentos à medida que experimenta

¹¹⁶ VATTIMO, 2010, p. 192.

¹¹⁷ Referente à *Introdução à tragédia de Sófocles*, texto formado por anotações feitas por Nietzsche para um curso que ministrou na Universidade de Basileia.

¹¹⁸ NIETZSCHE, *Introdução a tragédia de Sófocles*, 2014, pp. 13-4.

¹¹⁹ NIETZSCHE, GC, 2012, pp. 204-5.

¹²⁰ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, 2013, p. 59.

¹²¹ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, 2013, p. 81.

¹²² ONFRAY, 2014, p. 12.

um longo caminho a partir da descida da montanha – “começo da tragédia”¹²³ -, em busca de aprofundar-se na vida¹²⁴. A arte enquanto reconciliação com a vida é por onde a essência da natureza deve expressar-se simbolicamente¹²⁵. Baseado nisso, ele nos apresenta “a vontade de poder como arte”¹²⁶. *Zaratustra*, além da arte, pode ser visto como um grande oráculo não apenas de sua simbologia e filosofia, mas também a melhor expressão da doutrina do *além-homem*, da superação do próprio.

Em seu primeiro discurso, Zaratustra fala *Das três metamorfoses*. Trata-se de metamorfoses do espírito para a superação de si mesmo, onde a criança, ao invés de ser o início da transformação, é a última metamorfose alcançada. A primeira é o camelo, o espírito feito besta de carga, que se carrega de fardos pesados e tão logo vai em direção ao deserto, onde, em sua solidão e desejo de liberdade, transforma-se em leão. Nessa mutação, o espírito quer lutar com o grande dragão (a moral), pois este lhe impõe valores e deveres que barram o seu “querer”. Uma moral tão antiga e dura como as escamas de um dragão podem coagir o leão, cujo poder não é suficiente para criar valores novos, mas para a liberdade, sim. Afim de negar-se perante o dever imposto, e que tenta sufocar os desejos, é bem forte o leão, muito embora:

Conquistar o direito de criar valores novos é a mais terrível empresa para um espírito resignado e respeitoso. Certamente veria em tal ato uma façanha de salteador e de animal de rapina. (NIETZSCHE, AFZ, 2011, p. 30).

O espírito tornado leão, ainda que, capaz de libertar-se dos “antigos grilhões”, não tem ainda as qualidades necessárias para a genialidade da criação, de uma nova “moral” e de uma nova realidade. Para estas qualidades, *Zaratustra* decreta: o espírito precisa tornar-se criança, pois: “Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação”¹²⁷. Podemos compreender essa “santa afirmação” como “momento de verdade”¹²⁸. O esquecimento enquanto licenciamento para o novo. O jogo é justamente o “jogo de

¹²³ NIETZSCHE, A gaia ciência, 2012, p. 205-6. O autor apresenta em *A gaia ciência*, o prólogo I de *Assim Falava Zaratustra*, sob o título “*Incipt tragoedia* [A tragédia começa]”.

¹²⁴ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 11-2. Após passar dez anos longe de sua pátria, no alto da montanha alimentando-se de seu espírito e solidão, Zaratustra sente que deve descer da montanha e aproximar-se dos homens, é isso que nos narra o prólogo I.

¹²⁵ VATTIMO, 2010, p. 193.

¹²⁶ NIETZSCHE, A vontade de poder, 2011, p. 397. “A vontade de poder como arte” é o título do capítulo IV do terceiro livro (Princípio de uma nova valoração).

¹²⁷ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 31.

¹²⁸ STEGMAIER, 2013, p. 37. Novamente, afirmamos aqui verdade assim expressada como o autor, enquanto ação, “ato de verdade”.

forças internas no homem” e que podemos interpretar como sendo os impulsos apolíneo e dionisíaco. O girar sobre si mesmo é guiar-se a si próprio, o “momento de verdade”, que, enquanto ato espontâneo e sem malícia, compactua com a natureza do ser - “Aconselho-vos a matar vossos sentidos? Eu vos aconselho a inocência dos sentidos”¹²⁹. Do camelo à criança, é a transformação do espírito narrada por Zaratustra que também representa do nihilismo ativo de Nietzsche, onde, após a constatação de certa realidade, é preciso estar preparado para destruí-la, afim de criar uma nova.

O equilíbrio proposto pela arte trágica em sua constante coexistência de Apólo e Dioniso é um equilíbrio flexível, o que não permite o constante movimento, a dança. No entanto, é mais fácil administrar o que é imóvel, nada mais simples que extirpar os sentidos, ensinar o desprezo pelo corpo¹³⁰, afim de esterilizá-lo das vontades mais autênticas, dos pensamentos mais difíceis de prever, controlar, domesticar e aniquilar, caso saiam dos padrões esperados, facilitando a administração sobre os indivíduos. A ciência que buscou dominar a natureza é a mesma em ambas as distopias de Orwell e de Huxley, que busca, através da tecnologia e utilização de um saber científico, garantir um bom funcionamento do todo social por meio do medo - inimigo de tudo que é novo (esse é imprevisível e difícil de ser administrado).

E o medo que mais foi inoculado no homem é o medo aos animais selvagens, inclusive ao animal que o homem oculta e receia em si, aquele a que Zaratustra chama “a besta interior”. / Esse longo e antigo medo requintado afinal, e espiritualizado, intelectualizado, é, ao que me parece, o que hoje se chama ciência. (NIETZSCHE, AFZ, 2011, p. 339).

Zaratustra é o homem dionisíaco, representando um princípio de força motriz do mundo. A visceralidade aqui, é importante pontuar, cumpre com o dionisíaco grego, e não com a bestialidade de um dionisíaco bárbaro¹³¹, - eis o equilíbrio estabelecido por uma ética impulsionada pelo arquétipo apolíneo. Ele orienta um jovem na montanha dizendo-lhe: “Tu não és livre, tu buscas ainda a liberdade”¹³², “Não repudia o herói que há em tua alma. Verá piedosamente a tua mais alta esperança!”¹³³, eis a

¹²⁹ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 62.

¹³⁰ “Corpo” aqui, está empregado como fenômeno do “ser”, abrangendo suas subjetividades, bem como sua condição física (objetividades) e relacional com o ambiente em que se encontra.

¹³¹ VATTIMO, 2010, p. 194.

¹³² NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 49.

¹³³ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 50.

voz do dionisíaco grego, que nos chama a ser também heróis trágicos. Aqui, a possibilidade imensa de criar. É na companhia de sua águia que tudo vê, e de sua serpente sagaz, que *Zaratustra* advertirá seus discípulos dele mesmo, - pois estes devem também seguir seus próprios caminhos, não devem ficar a ouvi-lo para sempre-, sendo que enfatiza: “Livre de *quê?* Pouco importa a *Zaratustra!* Mas teu olhar deve anunciar-me claramente: livre, *para quê?* ”¹³⁴. Quando o jovem se fizer esta pergunta, é chegada hora em que estará pronto para recolher-se a sua *solidão*, guiar-se a si mesmo, e percorrer seu próprio caminho. Portanto, para Nietzsche, o verdadeiro educador é um libertador, este capaz de “elevar alguém acima da insuficiência da atualidade”¹³⁵ - “superação histórica”. É aquele capaz de verdadeiramente formar, revelando ao indivíduo sua própria essência e pretensão em relação a vida. Mestre que oferece à jovem alma a possibilidade de refletir a partir das coisas que lhe apresentou (cultura), afim de que este descubra o que mais amou até então. Seria isto, por conseguinte, o reconhecimento de seu verdadeiro ser¹³⁶, de sua virtude, sua *vontade de poder*.

O niilismo, ao qual Nietzsche aponta como sintoma da *doença histórica*, e que tanto critica ainda que julgue indispensável, é:

...apenas o mundo de Babel multicultural na qual de fato vivemos. É ele que “determina” a destruição dos “fracassados” que Nietzsche descreve, profetiza, deseja, em sua filosofia do além-do-homem e da vontade de potência. (VATTIMO, 2010, p. 230).

O *além-do-homem* só pode ser alcançado a partir do momento em que o homem assume sua *Vontade de poder*. Para compreendermos mais claramente a intrínseca relação entre *Vontade de poder* e cultura autêntica, é preciso focar o conceito de cultura enquanto *paideia*, a concepção grega antiga, que diz respeito a formação do homem visando torná-lo capaz de realizar ao máximo sua pretensão em relação à vida, sendo fiel a sua natureza. Essa pretensão diz respeito a sua vontade mais latente, essa é a concepção também de *nova virtude* para Nietzsche.

Verdadeiramente, é um novo bem e mal! Verdadeiramente é novo murmúrio profundo, e a voz de uma nova fonte! Força é nessa nova virtude; é um

¹³⁴ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 72.

¹³⁵ NIETZSCHE, Escritos sobre educação, 2012, p. 171.

¹³⁶ NIETZSCHE, Escritos sobre educação, 2012, p. 165.

pensamento dominador, que envolve uma alma sagaz: um sol dourado, e, em torno dele, a serpente do conhecimento. (NIETZSCHE, AFZ, 2011, p. 87).

A arte coloca o homem numa experiência de autoconhecimento uma vez que o reconecta com a natureza, suas emoções, e jogo de forças internas – apolínea e dionisíaca-, sendo que a cultura autêntica cultivada através dela reforçaria uma dada hierarquia¹³⁷ entre homens superiores e inferiores – entre *senhores* e *escravos*. Esta “formação de si mesmo” significa “liberdade”, separa os homens entre guerreiros – os que lutam suas próprias guerras-, e mercenários – os que por dinheiro e subserviência lutam a guerra de outros, deixando de conquistar uma vitória para si mesmos. Logo, é a hierarquia dos que cultuam sua *Vontade de poder* sobre os que não o fazem.

Na modernidade, “Deus morreu”. Nietzsche considera a experiência moderna da arte enquanto em essência sendo a mesma proporcionada pelas antigas religiões, onde os cultos voltavam-se para a invenção de deslocar o homem da conduta racional e da frieza lógica, afim de mergulhá-lo no sublime, num mundo emocional. Agora, cumpre-se através da arte o fenômeno da elevação da fé do homem em si mesmo em suas potencialidades¹³⁸. O sábio, por sua vez, aqui representado por *Zarathustra*, é alguém iniciado na arte da vida, denotando um saber entre a ciência e a técnica, uma capacidade inovadora frente às circunstâncias, algo desenvolvido com a experiência¹³⁹. Para que essa sabedoria? Para cumprir com nossa mais alta esperança:

Eis tudo o que quereis, sábios insignes, e é um desejo de potência, mesmo quando tendes à boca palavras como bem e mal, e juízos de valor. Vós quereis de antemão criar um mundo tal qual podeis adorar de joelhos: é vossa última esperança, vossa suprema embriaguez. (NIETZSCHE, AFZ, 2011, p. 130).

Tendo em conta esta alta esperança, Nietzsche defendeu a criação de estabelecimentos de ensino voltados à formação cultural, para vida. Isto é, não uma educação profissionalizante, não que esta deva ser abolida, mas, ele compreendia que o utilitarismo do ensino técnico, voltado para formação de funcionários, ou de ganho material, nada tinham a ver com cultura¹⁴⁰, tal era também, a concepção grega.

¹³⁷ LOSURDO, 2009, p. 839.

¹³⁸ STEGMAIER, 2013, p. 232.

¹³⁹ VATTIMO, 2012, p. 227-8.

¹⁴⁰ NIETZSCHE, *Escritos sobre educação*, 2012, p. 125. Nietzsche fala que conhece apenas uma verdadeira oposição entre os estabelecimentos de ensino, os voltados para a cultura, e os voltados

Essa verdadeira formação se daria pelo hábito e disciplina, pois implicaria em aprender as referências necessárias para guiar-se livremente. Infelizmente, no mundo onde a educação mantém-se fiel ao utilitarismo, não cabe o compromisso com a eternidade, com a arte ou com o exercício filosófico, ambos muito além dessa esfera sistemática em que a virtude virou algo fora de moda quando a educação passou a contentar-se com mero formalismo, uma abstração qualquer do que deveria ser de fato¹⁴¹. Contrário a isso, *Zaratustra* convida o homem a exercer sua fidelidade consigo mesmo e com esse todo que é a terra a qual ele habita pela corporeidade:

Não deixeis fugir a vossa virtude para longe das coisas terrestres e adejar contra as paredes da eternidade! Ai! Houve tanta virtude extraviada! Restitui, como eu, à terra, a virtude extraviada. Sim; restitui-a ao corpo e à vida, para que dê à terra seu sentido, um sentido humano. (NIETZSCHE, AFZ, 2011, p. 87).

Esse sentido humano não é um sentido ideal, mas um sentido possível para o homem. É ao próprio ser, que é corpo, e à terra enquanto mundo, que o indivíduo deve oferecer sua virtude em satisfação própria e em consciência desse todo ao qual lhe é dado existir. Qualquer sistema moral (juízo de valores impostos) não deve ser forte para domesticar e anestesiar essa virtude, que é, em essência, a própria *Vontade de poder*. Não significa a felicidade, mas honestidade com a vontade e verdade perspectiva, o que nos levaria a compreender e desejar as coisas como são, tais quais somos capazes de experimentá-las e que o sofrimento é necessário para que se faça também o riso e a dança.

Zaratustra, o herói trágico, é aquele que aprendeu a superar o sofrimento de suas lutas e constata: “Ora, a minha felicidade deveria ser uma justificação da existência”¹⁴². Ver o tempo de modo circular é se certificar de que o momento de decisão sempre existiu¹⁴³. A arte trágica é vista por Nietzsche como algo extemporâneo, tal qual uma sabedoria de compreender e expressar o mundo através de símbolos por meio da grande dualidade de pulsões (apolínea e dionisíaca). A liberdade sempre existiu. O homem superior compreende isso e aprendeu a olhar o passado e o desejar como foi. Isso, porque vive em paz consigo mesmo e suas

para as necessidades da vida (a rotina cotidiana e sobrevivência), sendo que esta segunda implica todos os estabelecimentos que existem, e o primeiro não há, e é este que defende.

¹⁴¹ NIETZSCHE, Escritos sobre educação, 2012, p. 169-70.

¹⁴² NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, 2011, p. 15.

¹⁴³ VATTIMO, 2010, p. 238.

decisões. A abertura para a pluralidade de interpretações nas obras do filósofo pode ser vista como uma moderação do *além-do-homem*, capaz de encarar o vazio da existência, sem, contudo, tornar-se um faminto pelos caprichos mais fúteis e instantâneos. Ele posterga o fechamento, deixa aberta as interpretações e, ao afastar-se de estabelecer um ideal para o homem mais próximo, aproxima-se do ideal¹⁴⁴, pois não o coloca distante, o coloca próximo, no corpo, dentro das capacidades de existência e grandiosidade da arte enquanto *vontade de poder*.

¹⁴⁴ VATTIMO, 2010, p. 239.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na época em que vivemos, a modernidade onde tudo é demasiado fluido, a quantidade de incertezas é tão infinita quanto as possibilidades. Ainda que o valor do humano e sua implicação visceral em nossos corpos, em nosso conceito de corpo e do que somos, aparentem submersos e suprimidos pelo valor econômico, a liberdade nos está mais do que dada. Isto pode ser visto como fatalidade, mas pode também ser visto como um âmbito de potencialidades. Conhecer a si mesmo, sua vontade mais irrefutável, pode ser a chave de superação. Formar pessoas deve estar para apresentar-lhe referências, inspiração, fazê-las descobrir sua verdadeira vontade, torná-las capaz de lidar com o sofrimento para serem fortes o suficiente em assumir suas decisões, sendo leais consigo mesmas.

Se podemos escolher entre algo que gostaríamos de viver incansavelmente, e algo que preferiríamos que não durasse mais que um instante, esse é um princípio simples a ancorar nosso “ato de verdade”, tal qual nos propõe a concepção do *Eterno Retorno*. A maturidade desta postura está para a conciliação entre ética e vontade, onde, ambas são corporais, constituem a verdade perspectiva, a individualidade do ser que deve estar sempre em paz consigo mesmo.

Quando não há sentido, qualquer significado para existir, é preciso criar um. Digamos que Nietzsche esteja certo, que não exista mesmo um fim, então, deixar de existir não seria possível, sendo que o único caminho, por conseguinte, seria trilhá-lo. A liberdade decretada aos indivíduos da modernidade pode ser vista como maldição, mas também, sob a perspectiva de um artista, pode ser vista como uma dádiva - “se nada nos prende, podemos inventar a salvação”. Para superar a fatalidade da existência, faz-se necessário criar bênçãos para existir, então, de encararmos o sofrimento que pode gerar essa reflexão.

Muito se fala hoje na formação do sujeito crítico transformador, aquele capaz de transformar o seu meio. Pergunto-me se não seria demasiado significativo nos atermos na formação de pessoas satisfeitas consigo mesmas, por serem capazes de suportar a realidade e de transformarem-se a si mesmas antes de querer mudar e interferir no “mundo dos outros”.

Uma verdade admitida por todos ou que poderíamos reconhecer como uma moral a ser zelada só poderia ser construída pela mediação das verdades perspectivas. Mediação esta que só pode ser feita por aqueles que já tiverem encontrado sua própria “verdade” mediante a formação de homens em senhores de si, os quais, por se compreenderem mera fração de potência do mundo, também caminham por ele como nobres de espírito; que cumprem com sua vontade mais profunda porque sabem que realizá-la é atender o que move o mundo e alimenta a vida.

A arte cumpre com o ensino através da expressividade dos símbolos, aquilo que não se pode “ensinar”, apenas experienciar por si mesmo. Educadores devem ser capazes de inspirar. Se cabe à educação cultivar valores humanos através de uma cultura autêntica - da arte filosófica, da experiência da arte -, então sua maior missão não está para apresentá-la, mas muito antes, ensinar os homens a querê-la.

A liberdade está formalizada, sendo inevitável que assumamos nossa responsabilidade sobre o que defendemos e destruimos. Então, faz-se necessário que nos eduquemos para criar o máximo que podemos pretender da vida. Para isso, não basta uma educação que encoraje a criação, mas que ensine a ser simples, mostrando o sublime para que tais criações não se espelhem em objetivos e valores menores, mas antes, no que há de maior referência de elevação e genialidade entre os homens e que reside na esfera de uma cultura autêntica.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 1ª ed. Tradução coordenada e revista por: Alfredo Bosi. Martins Fontes: São Paulo, 2007. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>. Acessado em: outubro de 2015.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acessado em: setembro de 2015.
- _____. **Vida Líquida**. 2ª ed. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2009.
- _____. **“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”**: depoimento. [24 de setembro de 2010]. Istoé Online. Entrevista à Adriana Prado. Disponível em: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR. Acessado em: julho de 2015.
- HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. 2ª ed. Tradução: Lino Vallandro e Vidal Serrano. Editora Globo: São Paulo, 2009.
- LOSURDO, D. **Nietzsche o rebelde aristocrata**. Tradução: Jaime A. Classen. Editora Revan: Rio de Janeiro, 2009.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5ª ed. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acessado em setembro de 2015.
- MENDONÇA, S. **Educação aristocrática em Nietzsche**: perspectivismo e superação do sujeito. 2009. 160 f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000446074>. Acessado em: fevereiro de 2015.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Retratos da leitura no Brasil**. Disponível em: <http://pnc.culturadigital.br/metas/media-de-quatro-livros-lidos-fora-do-20-aprendizado-formal-por-ano-por-cada-brasileiro/>. Acessado em julho de 2015.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**: Reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução: Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2007.
- _____. **Assim Falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 2011.
- _____. **Crepúsculo dos Ídolos**: ou como filosofar a marteladas. 2ª ed. Tradução Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2008.

_____. **Humano, Demasiado Humano**. 9ª ed. Tradução: Paulo César Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.

_____. **A Gaia Ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

_____. **Ecce Homo**: Como alguém se torna o que se é. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2008.

_____. **Escritos sobre Educação**. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Editora Loyola, 6.ed, 2012.

_____. **Genealogia da Moral**. 5ª ed. Tradução: Paulo César de Souza. Editora Schwarcz S.A.: São Paulo, 2013.

_____. **O Livro do Filósofo**. Tradução: Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2007.

_____. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2014.

_____. **O Nascimento da Tragédia**. 2ª ed. Tradução Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2011.

_____. **Vontade de Poder**. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Contraponto Editora Ltda: Rio de Janeiro- RJ, 2011.

ONFRAY, M. **A sabedoria trágica: Sobre o bom uso de Nietzsche**. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2014.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2010.

ORWELL, G. **1984**. 29ª ed. Tradução: Wilson Velloso. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 2004.

STEGMAIER, W. **As linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos: 1985-2009**. Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 2013.

VATTIMO, G. **Diálogo com Nietzsche: ensaios 1961-2000**. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2010.

VAZ, A. F. **Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas de reflexão**. *Pro-Posições*, Unicamp: São Paulo, v. 14, n. 2 (41), maio/ago. 2003. Disponível: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto269.html>. Acessado em: março de 2015.